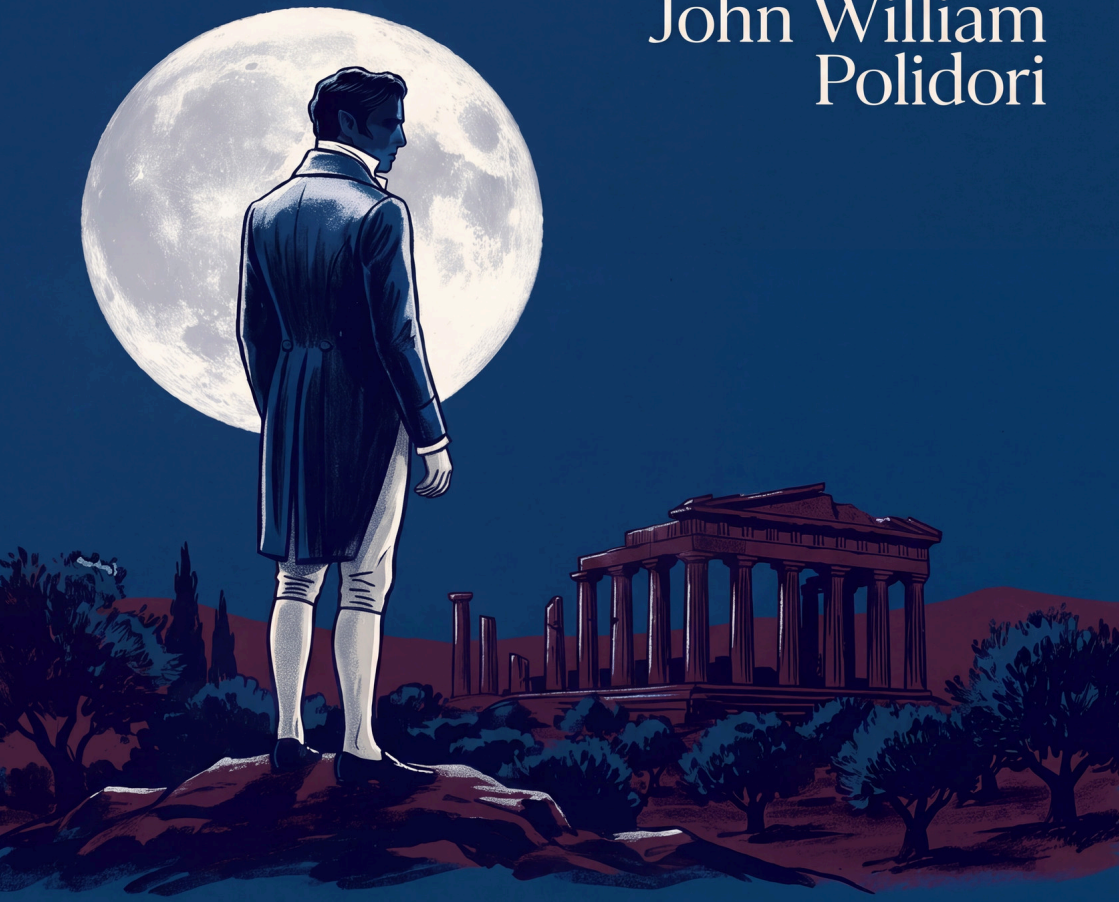
O Vampiro

John William Polidori



PROJETO ALDUS · INFOLIVROS

O Vampiro

JOHN WILLIAM POLIDORI

Tradução de Pedro Miguel

Este livro faz parte do **Projeto Aldus**, as edições próprias do InfoLivros. Em 1501 um impressor de Veneza deixou os clássicos pequenos, baratos e bem compostos para poder levá-los junto. Fazemos o mesmo, em PDF e de graça.

LEIA E BAIXE LIVROS GRÁTIS

Escaneie o código ou acesse
infolivros.org

Milhares de livros em PDF, grátis e sem cadastro:
infolivros.org/livros-pdf-gratis/

Esta obra em outros idiomas:
Em espanhol: infolibros.org/libro/el-vampiro-john-william-polidori/
Em inglês: infobooks.org/book/the-vampyre-john-william-polidori/
Em francês: infolivres.org/livre/le-vampire-john-william-polidori/

SINOPSE

Aubrey, um jovem inglês órfão e rico, com a cabeça cheia de romances, conhece em Londres Lord Ruthven, um nobre de olhos cinzentos e mortiços que fascina a sociedade. Aubrey parte com ele numa viagem pela Europa e logo percebe que todos os que recebem os favores de Ruthven acabam na ruína. Na Grécia, apaixona-se por Ianthe, uma jovem que lhe conta as lendas locais sobre o vampiro. Quando Ruthven o obriga a jurar silêncio por um ano e um dia, Aubrey volta para a Inglaterra com um segredo que não pode revelar. Escrito pelo médico de Lord Byron, O Vampiro nasceu da mesma noite de histórias de fantasmas junto ao lago de Genebra que deu origem a Frankenstein.

COMO LER ESTE LIVRO

O Vampiro reúne um conto curto, uma Introdução que vem antes dele e duas cartas que o cercam. Abre com o "Extracto de uma Carta de Genebra", em que um viajante que nunca diz o nome descreve a casa à beira do lago onde Lord Byron morava e conta como, numa noite, cada um dos presentes combinou escrever uma história de fantasmas. Essa carta termina com o viajante enviando a um amigo os esboços dessas histórias, e é por isso que a Introdução e o conto vêm logo depois. A Introdução explica a antiga crença nos vampiros, e o conto, que tem o mesmo título do livro e não tem capítulos, acompanha um jovem inglês chamado Aubrey do começo ao fim. O Vampiro fecha com a segunda carta, o "Extracto de uma Carta com o Relato da Residência de Lord Byron na Ilha de Mitilene", em que um viajante a bordo de um navio de guerra britânico visita na Grécia uma casa onde morou um lorde inglês.

Extracto de uma Carta de Genebra 1
Introdução 10
O Vampiro 16
Extracto de uma Carta com o Relato da Residência de Lord Byron na Ilha de Mitilene 55

Extracto de uma Carta de Genebra

"Respiro livremente nas imediações deste lago; o chão que piso foi conquistado desde as eras mais remotas; os principais objectos que de imediato me ferem a vista trazem-me à memória cenas em que o homem foi o herói e o principal objecto de interesse. Sem recuar até aos tempos mais antigos de batalhas e cercos, eis aqui o busto de Rousseau — eis aqui uma casa com uma inscrição que indica que o filósofo genebrino respirou pela primeira vez sob o seu tecto. Um pouco fora da cidade fica Ferney, a residência de Voltaire, onde essa personagem extraordinária, embora certamente desprezível em muitos aspectos, recebia, como os eremitas de outrora, as visitas de peregrinos, não só da sua própria nação, mas dos mais remotos confins da Europa. Aqui fica também a morada de Bonnet e, a poucos passos dali, a casa dessa mulher assombrosa que é Madame de Staël: talvez a primeira do seu sexo a provar de facto a

igualdade, tantas vezes reclamada, com o homem, que se tem pelo mais nobre. Já antes tivemos mulheres que escreveram romances e poemas interessantes, nos quais lhes valeu o seu tacto para observar as personagens de salão; mas nunca, desde os tempos de Heloísa, aquelas faculdades que são próprias do homem se tinham desenvolvido como possível herança da mulher. Se bem que, também aqui, como no caso de Heloísa, o nosso sexo não tenha tardado em alegar a existência de um Abelardo, na pessoa de M. Schlegel, como inspirador das suas obras. Mas prossigamos: do mesmo lado do lago, Gibbon, Bonnivard, Bradshaw e outros marcam, por assim dizer, as etapas do nosso percurso; ao passo que, do outro lado, há uma casa, construída por Diodati, o amigo de Milton, que abrigou entre as suas paredes, durante vários meses, aquele poeta que tantas vezes lemos juntos e que — se as paixões humanas continuarem as mesmas, e se os sentimentos humanos, como cordas, vibrarem como dantes ao serem tangidos pelos impulsos da natureza — será posto pela posteridade na primeira fila dos nossos poetas ingleses. Deves ter ouvido dizer, ou o Terceiro Canto de *Childe Harold* ter-te-á informado, que Lord Byron residiu muitos meses nestas imediações. Há poucos dias, depois de ter visto Ferney, fui com alguns amigos visitar essa

mansão. Pisei-lhe o soalho com o mesmo sentimento de reverência e respeito com que, juntos, pisámos o da morada de Shakespeare em Stratford. Sentei-me numa cadeira do salão e certifiquei-me de que repousava naquela que ele fizera o seu assento habitual. Encontrei lá uma criada que vivera com ele; deu-me, no entanto, muito poucas informações. Mostrou-me o quarto de dormir, ao mesmo nível do salão e da sala de jantar, e contou-me que ele se recolhia às três, se levantava às duas e se demorava muito tempo na toilette; que nunca ia dormir sem um par de pistolas e um punhal a seu lado, e que nunca comia carne. Aparentemente, passava parte de todos os dias no lago, num barco inglês. Há uma varanda do salão que dá para o lago e para a montanha do Jura; e imagino que tenha sido dali que contemplou a tempestade tão magnificamente descrita no Terceiro Canto, pois daqui se tem uma vista amplíssima de todos os pontos que nele retratou. Consigo imaginá-lo como o pinheiro fulminado, enquanto tudo à sua volta mergulhara no repouso, ainda desperto para observar aquilo que não passava de uma pálida imagem das tempestades que lhe tinham devastado o peito.

O céu mudou! — e que mudança! Ó noite,
E tempestade, e trevas, sois prodigiosamente fortes,
E belas, porém, na vossa força, como a luz
De uns olhos negros de mulher! Ao longe,
De pico em pico, por entre os penhascos que
estrondeiam,
Salta o trovão vivo! Não de uma nuvem solitária,
Mas cada montanha encontrou agora uma língua,
E o Jura responde, através da sua mortalha de névoa,
Aos Alpes jubilosos que alto o chamam!

E isto é de noite: — Gloriosíssima noite!
Não foste enviada para o sono! Deixa-me ser
Partícipe do teu deleite vasto e feroz, —
Uma parte da tempestade e de mim!
Como reluz o lago iluminado, um mar fosfórico,
E a chuva grossa vem dançando até à terra!
E agora de novo é negro, — e agora o júbilo
Dos montes ruidosos estremece com o seu riso
montanhês,
Como se exultassem com o nascer de um jovem
terramoto,

Agora, onde o veloz Reno abre caminho entre
Alturas que parecem amantes que se separaram
À pressa, e cujos abismos tanto se interpõem
Que não mais se podem encontrar, ainda que de coração partido;
Embora nas suas almas, que assim se contrariaram uma à outra,
O amor fosse a própria raiz da terna fúria
Que lhes crestou a flor da vida, e depois partiu —
Extinto ele próprio, mas deixando-lhes uma era
De anos todos de Inverno — guerra a travar dentro de si.

Desci ao pequeno porto, se me permites a expressão, onde o seu barco costumava ficar, e conversei com o camponês que dele cuidava. Podes sorrir, mas tenho prazer em ajudar assim a minha figuração do indivíduo que admiro, chegando ao conhecimento das circunstâncias que diariamente o rodeavam. Fiz inúmeras indagações sobre ele na cidade, mas nada consigo apurar. Só uma vez frequentou ali a sociedade, quando M. Pictet o levou a passar o serão em casa de uma senhora. Dizem que é um homem muito singular e parecem considerá-lo muito descortês. Entre outras coisas, contam que, tendo convidado M. Pictet e Bonstetten para jantar, foi pelo lago até Chillon,

deixando um cavalheiro que viajava com ele para os receber e apresentar as suas desculpas. Noutra noite, convidado a casa de Lady D—— H——, prometeu comparecer, mas, ao aproximar-se das janelas da villa de Sua Senhoria e ao perceber que a sala estava cheia de gente, deixou ali o amigo, pedindo-lhe que o desculpasse, e regressou imediatamente a casa. Isto servirá para desmentir o boato que, segundo me dizes, corre em Inglaterra, de que os seus compatriotas o evitavam no continente. O caso é precisamente o inverso, pois foi em geral procurado por eles, embora, na maior parte das ocasiões, aparentemente sem êxito. Conta-se, aliás, que, ao fazer a sua primeira visita a Coppet, seguindo o criado que lhe anunciara o nome, teve a surpresa de dar com uma senhora que levavam desmaiada para fora da sala; mas, antes de estar sentado havia muitos minutos, a mesma senhora, que tanto se impressionara ao ouvir o seu nome, voltou e conversou com ele durante um tempo considerável — tal é a curiosidade e a afectação femininas! Visitou Coppet com frequência e, naturalmente, conviveu ali com vários compatriotas seus, que não mostraram relutância alguma em encontrar-se com aquele que só os seus inimigos pintariam como um proscrito.

Embora tenha sido tão mal sucedido nesta cidade, fui mais feliz nas minhas indagações noutros lugares. Há uma sociedade a três ou quatro milhas de Genebra, cujo centro é a condessa de Breuss, uma senhora russa, muito versada nos agrémens de la société, que os reuniu à sua volta na sua mansão. Foi sobretudo aqui, segundo apuro, que o cavalheiro que viajava com Lord Byron, como médico, procurou companhia. Quase todos os dias costumava atravessar o lago sozinho, num dos barcos de fundo chato da terra, e regressar depois de passar o serão com os amigos, por volta das onze ou da meia-noite, muitas vezes enquanto as tempestades se desencadeavam nos cumes das montanhas em redor. Como, com o convívio prolongado, se tornou íntimo de várias famílias destas imediações, recolhi dos seus relatos alguns traços excelentes do carácter de Sua Senhoria, que te contarei numa próxima oportunidade. Devo, porém, livrá-lo de uma acusação que lhe fazem: a de ter em casa duas irmãs como companheiras das suas folias. Isto, como muitas outras acusações que se têm levantado contra Sua Senhoria, carece inteiramente de verdade. O seu único companheiro era o médico que já mencionei. O boato nasceu da seguinte circunstância: tendo o Sr. Percy Bysshe Shelly, cavalheiro bem conhecido pela extravagância das suas doutrinas e pela

ousadia de, ao professá-las, chegar a assinar com o título de Atheos no Álbum de Chamouny, alugado uma casa mais abaixo, onde residia com Miss M. W. Godwin e Miss Clermont (as filhas do célebre Sr. Godwin), eram todos visitas frequentes de Diodati e eram vistos muitas vezes no lago com Sua Senhoria, o que deu origem ao boato, cuja verdade aqui se nega categoricamente.

Entre outras coisas que me contou a senhora de quem obtive estas anedotas, mencionou o esboço de uma história de fantasmas de Lord Byron. Parece que, certa noite, Lord B., o Sr. P. B. Shelly, as duas senhoras e o cavalheiro atrás referido, depois de terem lido uma obra alemã intitulada *Phantasmagoriana*, se puseram a contar histórias de fantasmas; e, tendo Sua Senhoria recitado o início de *Christabel*, então inédito, o conjunto apoderou-se com tanta força do espírito do Sr. Shelly que este se levantou de repente e saiu a correr da sala. O médico e Lord Byron seguiram-no e encontraram-no encostado à cornija de uma lareira, com gotas frias de suor a escorrer-lhe pelo rosto. Depois de lhe terem dado alguma coisa que o reanimasse, e ao indagarem a causa do seu sobressalto, descobriram que a sua imaginação desenfreada lhe tinha pintado o seio de uma das senhoras com olhos (o que se contava de uma senhora da vizinhança onde ele vivia), e que fora obrigado a

sair da sala para desfazer essa impressão. Mais tarde, no decorrer da conversa, propôs-se que cada um dos presentes escrevesse um conto assente em alguma intervenção sobrenatural, o que foi empreendido por Lord B., pelo médico e por Miss M. W. Godwin.[1] A minha amiga, a senhora acima referida, tinha em seu poder o esboço de cada uma destas histórias; obtive-os como um grande favor, e aqui tos envio, pois tinha a certeza de que sentirias tanta curiosidade como eu em ler as ébauches de tão grande génio e daqueles que estavam directamente sob a sua influência."

[1] Publicado depois com o título de *Frankenstein; ou, O Moderno Prometeu.*

Introdução

A superstição em que este conto se funda é muito comum no Oriente. Entre os árabes parece ser corrente; não se estendeu, porém, aos gregos senão depois do estabelecimento do cristianismo, e só tomou a sua forma actual a partir da divisão das Igrejas latina e grega; nessa época, ao generalizar-se a ideia de que um corpo latino não se podia corromper se fosse enterrado no território deles, foi crescendo pouco a pouco e deu matéria a muitas histórias assombrosas, ainda hoje existentes, de mortos que se levantam das sepulturas e se alimentam do sangue dos jovens e dos belos. No Ocidente espalhou-se, com ligeiras variações, por toda a Hungria, a Polónia, a Áustria e a Lorena, onde existia a crença de que os vampiros sorviam todas as noites uma certa porção do sangue das suas vítimas, que emagreciam, perdiam as forças e depressa morriam de consumpção; ao passo que estas sanguessugas humanas

engordavam — e as suas veias se distendiam a tal estado de repleção que o sangue lhes escorria por todas as passagens do corpo, e até pelos próprios poros da pele.

No *London Journal* de Março de 1732 há um relato curioso e, naturalmente, digno de crédito de um caso particular de vampirismo, que se diz ter ocorrido em Madreyga, na Hungria. Parece que, numa inquirição feita pelo comandante-chefe e pelos magistrados do lugar, estes afirmaram categórica e unanimemente que, cerca de cinco anos antes, um certo heiduque chamado Arnold Paul fora ouvido a dizer que, em Cassovia, na fronteira da Sérvia turca, tinha sido atormentado por um vampiro, mas que encontrara maneira de se livrar do mal comendo um pouco da terra da sepultura do vampiro e esfregando-se com o sangue dele. Esta precaução, porém, não o impediu de se tornar ele próprio vampiro[2]; pois, uns vinte ou trinta dias depois da sua morte e enterro, muitas pessoas queixaram-se de terem sido atormentadas por ele, e foi prestado depoimento de que quatro pessoas tinham perdido a vida com os seus ataques. Para evitar males maiores, os habitantes, depois de consultarem o seu Hadagni[3],

[2] A crença universal é que uma pessoa sugada por um vampiro se torna ela própria vampiro e suga por sua vez.

[3] Meirinho-mor.

desenterraram o corpo e encontraram-no (como se supõe ser habitual nos casos de vampirismo) fresco e inteiramente livre de corrupção, a deitar pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos sangue puro e vermelho vivo. Obtida assim a prova, recorreram ao remédio costumado. Cravou-se uma estaca de lado a lado através do coração e do corpo de Arnold Paul, e conta-se que ele gritou tão horrivelmente como se estivesse vivo. Feito isto, cortaram-lhe a cabeça, queimaram-lhe o corpo e lançaram as cinzas na sepultura. As mesmas medidas foram tomadas com os cadáveres das pessoas que tinham morrido antes por vampirismo, para que não viessem, por sua vez, a actuar sobre outras que lhes sobreviveram.

Esta monstruosa fanfarronada é aqui relatada porque parece mais adequada para ilustrar o assunto das presentes observações do que qualquer outro exemplo que se pudesse aduzir. Em muitas partes da Grécia considera-se uma espécie de castigo após a morte, por algum crime hediondo cometido em vida, que o defunto seja não só condenado a vampirizar, mas obrigado a limitar as suas visitas infernais apenas aos seres que mais amou enquanto esteve na terra — aqueles a quem estava ligado por laços de parentesco e de afecto. Suposição a que se alude no *Giaour*.

Mas primeiro, na terra, enviado como vampiro,
O teu cadáver será arrancado do seu túmulo;
Depois assombrarás, medonho, o lugar natal,
E sugarás o sangue de toda a tua raça;
Ali, de tua filha, tua irmã, tua esposa,
À meia-noite esgotarás a corrente da vida;
Mas detestarás o banquete que à força
Há-de alimentar o teu lívido cadáver vivo.
As tuas vítimas, antes ainda de expirarem,
Reconhecerão no demónio o seu pai;
Amaldiçoando-te, e tu amaldiçoando-as,
As tuas flores murcham no caule.
Mas uma, que pelo teu crime há-de tombar,
A mais nova, a mais amada de todas,
Abençoar-te-á com o nome de pai —
E essa palavra envolverá em chamas o teu coração!
Porém, terás de acabar a tua tarefa e ver
O último tom da sua face — a última centelha dos
seus olhos,
E hás-de contemplar o último olhar vidrado
Que se gela sobre o seu azul sem vida;
Depois, com mão ímpia, arrancarás
As tranças do seu cabelo louro,
Das quais, em vida, um anel cortado
Foi o penhor mais terno do afecto —
Mas que agora levas contigo
Como memorial da tua agonia!

Do teu próprio sangue, o melhor, hão-de gotejar
O teu dente que range e o teu lábio macilento;
Depois, caminhando para a tua sombria sepultura,
Vai — e delira com Gouls e Afrits,
Até que estes recuem de horror
Perante um espectro mais maldito do que eles.

O Sr. Southey introduziu também no seu poema, bravio mas belo, *Thalaba*, o cadáver vampiro da donzela árabe Oneiza, que é apresentada como tendo voltado da sepultura para atormentar aquele que mais amara em vida. Mas não se pode supor que isto tenha resultado dos pecados da sua vida, pois ela é retratada ao longo de todo o conto como perfeito modelo de pureza e inocência. O verídico Tournefort faz, nas suas viagens, um longo relato de vários casos assombrosos de vampirismo de que pretende ter sido testemunha ocular; e Calmet, na sua grande obra sobre o assunto, além de uma série de anedotas e narrativas tradicionais que ilustram os seus efeitos, publicou algumas doutas dissertações tendentes a provar que se trata de um erro tanto clássico como bárbaro.

Muitas notícias curiosas e interessantes sobre esta superstição singularmente horrível se poderiam acrescentar; mas as presentes bastarão para os limites de uma

nota necessariamente dedicada à explicação, a qual se pode agora concluir observando apenas que, embora o termo Vampiro seja o de aceitação mais geral, há vários outros seus sinónimos, usados em várias partes do mundo: como Vroucolocha, Vardoulacha, Goul, Broucoloka, etc.

O Vampiro

Quis o acaso que, no meio dos divertimentos próprios de um Inverno londrino, tenha aparecido nas várias festas dos senhores da moda um certo aristocrata mais notável pelas suas singularidades do que pela sua posição social. Olhava para a alegria que o cercava como se não pudesse participar nela. Aparentemente, o riso frívolo dos belos atraía a sua atenção apenas para logo a seguir o sufocar com um olhar e lançar medo naqueles peitos onde imperava a leviandade. Os que experimentavam essa sensação de temor não sabiam explicar o que a originava: uns atribuíam-na aos mortiços olhos cinzentos que, ao fixarem o rosto de uma pessoa, pareciam não conseguir penetrá-lo num relance e rasgar caminho até aos mais secretos mecanismos do coração, antes pousando como um raio de chumbo e pesando sobre a pele que não logravam trespassar. As suas peculiaridades faziam com que fosse

convidado para todas as casas; todos desejavam vê-lo, e os que estavam habituados a emoções violentas, e sentiam agora o peso do *ennui*, ficavam satisfeitos por encontrarem, na sua presença, alguma coisa capaz de lhes cativar a atenção. Apesar da lividez do seu rosto, que nunca ganhava cor mais quente, fosse pelo rubor da modéstia ou pela emoção forte da paixão (embora a sua forma e os seus contornos fossem belos), muitas das caçadoras de notoriedade tentavam conquistar os seus galanteios ou, pelo menos, alguns sinais do que poderiam classificar como afecto: Lady Mercer, que desde o seu casamento tinha sido objecto do escárnio de todos os monstros frequentadores de salões, atravessou-se no seu caminho e só lhe faltou vestir-se de saltimbanco para atrair a sua atenção — mas em vão: quando parou à frente dele, e apesar de os seus olhos estarem aparentemente fixos nos dela, pareciam mesmo assim alheados, frustrando-lhe a própria impudência destemida e obrigando-a a bater em retirada. Mas se a vulgar adúltera não conseguia influenciar sequer o rumo do seu olhar, tal não significava que o sexo feminino lhe fosse indiferente: no entanto, a aparente cautela com que falava à esposa virtuosa e à filha inocente era tal, que poucos se apercebiam que, por vezes, ele se dirigia a mulheres. Tinha, contudo, fama de

possuir uma língua cativante; e fosse por ela ultrapassar o temor da sua personalidade singular, ou porque as emocionava a sua aparente aversão pelo vício, era visto com igual frequência, tanto com aquelas mulheres que baseiam o orgulho do seu sexo nas suas virtudes domésticas, como entre as que o maculam com os seus vícios.

Por esta época, chegou a Londres um jovem cavalheiro com o apelido de Aubrey: tratava-se de um órfão que herdara, juntamente com a sua única irmã, uma grande fortuna dos pais que tinham morrido quando era ainda criança. Entregue a si mesmo pelos tutores, que consideravam seu dever cuidar-lhe somente da fortuna, enquanto abandonavam o encargo mais importante da sua mente ao cuidado de subalternos mercenários, cultivou mais a imaginação do que o discernimento. Era assim vítima daquele elevado sentimento romântico de honra e sinceridade que todos os dias traz a ruína a tantos aprendizes de chapeleiro. Acreditava que todos simpatizavam com a virtude, e que o vício era enviado pela Providência apenas pelo seu efeito pitoresco no cenário, como vemos nos romances: pensava que a miséria de uma cabana consistia apenas em nela se vestirem roupas que, sendo tão quentes como as outras, mais bem se adaptavam à visão do pintor, devido às suas

pregas irregulares e aos seus vários remendos coloridos. Pensava, em suma, que os sonhos dos poetas eram as realidades da vida. Era belo, franco e rico e por tais razões, quando entrava nos círculos festivos, muitas eram as mães que o cercavam, rivalizando entre si para ver qual descrevia com menos verdade as suas lânguidas ou turbulentas favoritas: as filhas, de igual modo, pelo iluminar dos seus semblantes quando se aproximava, e pelo lampejar dos seus olhos, quando descerrava os lábios, depressa lhe incutiram falsas ideias acerca dos seus talentos e do seu mérito. Afeiçoado como era ao devaneio das suas horas solitárias, alarmou-se ao descobrir que, com excepção das velas de sebo e das velas de cera que bruxuleavam, não devido à presença de um fantasma, mas sim pela necessidade de serem espevitadas, não havia qualquer fundamento na vida real para nenhum daqueles acervos de agradáveis quadros e descrições contidos nos volumes em que baseara a sua educação. Encontrando, todavia, alguma compensação na vaidade gratificada, preparava-se para renunciar aos seus sonhos quando o extraordinário ser que acima descrevemos lhe contrariou os planos.

Começou a vigiá-lo, e a própria impossibilidade de formar uma ideia do carácter de um homem inteiramente absorto em si mesmo, e que poucos outros

sinais dava da sua observação de objectos exteriores para além do assentimento tácito da sua existência, implícito na abstenção de contacto com eles, permitiu à sua imaginação conceber todas as coisas capazes de lisonjear a sua tendência para as ideias extravagantes; e não demorou a transformar essa pessoa no herói de um romance e a decidir observar o fruto do seu devaneio, em vez do homem que tinha diante de si. Travou conhecimento com ele, foi cortês e de tal modo se fez notar por ele que a sua presença era sempre reconhecida. Pouco a pouco, soube que os negócios de Lord Ruthven se haviam complicado e depressa descobriu, pelos sinais de preparativos em ____ Street, que ele se preparava para viajar. Desejoso de conseguir informação a respeito da singular personagem, que até então apenas aguçara a sua curiosidade, deu a entender aos seus tutores ser chegado o momento de empreender aquela viagem que, há muitas gerações, tem sido considerada necessária para habilitar os jovens a dar alguns passos rápidos no caminho da depravação, a fim de os pôr em pé de igualdade com os mais velhos e evitar que pareçam caídos dos céus, naquelas ocasiões em que são mencionadas intrigas escandalosas, como objectos de gracejo ou elogio, consoante o grau de habilidade demonstrado na condução das mesmas. Eles

consentiram, e Aubrey, que logo revelou as suas intenções a Lord Ruthven, ficou surpreendido ao receber dele um convite para o acompanhar. Lisonjeado por semelhante demonstração de apreço da parte de quem, aparentemente, nada tinha em comum com outros homens, aceitou de bom grado e, volvidos poucos dias, tinham transposto as águas circundantes.

Aubrey não tivera nenhuma oportunidade até então de estudar o carácter de Lord Ruthven, e descobria agora que, embora um maior número dos seus actos fosse exposto aos seus olhos, os resultados ofereciam conclusões discordantes dos motivos aparentes da sua conduta. O seu companheiro era pródigo na liberalidade: o ocioso, o vagabundo e o mendigo recebiam das suas mãos mais do que o suficiente para aliviar as suas carências imediatas. Mas Aubrey não pôde deixar de notar que não era aos virtuosos, reduzidos à indigência pelos infortúnios que até a virtude acompanham, que concedia as suas esmolas; estes eram mandados embora da sua porta com sarcasmos mal disfarçados; mas quando os dissolutos iam pedir alguma coisa, não para aliviar as suas carências, mas sim para chafurdar na luxúria, ou para se afundarem ainda mais na iniquidade, partiam com avultada caridade. Atribuía isso, no entanto, à maior

ousadia dos perversos, que geralmente prevalece sobre a vergonha reservada dos indigentes virtuosos. Havia um pormenor na caridade de Sua Senhoria que estava ainda mais marcado na sua mente: todos aqueles a quem era concedida descobriam inevitavelmente pesar sobre ela uma maldição, pois ou iam parar ao cadafalso, ou mergulhavam na mais baixa e mais abjecta miséria. Em Bruxelas e noutras cidades pelas quais passaram, Aubrey ficou surpreendido com a aparente abstracção mental com que o seu companheiro procurava os antros da depravação que estavam em moda, onde mergulhava por completo no espírito da mesa de faraó: apostava e era sempre bem-sucedido, excepto quando tinha como adversário o batoteiro conhecido, pois então perdia mais ainda do que ganhava, mas fazia-o sempre com o mesmo rosto inalterável com que geralmente observava quem o rodeava. Tal já não sucedia, porém, quando defrontava o jovem principiante temerário ou o desafortunado chefe de uma família numerosa; nestas ocasiões o seu próprio desejo parecia a lei da fortuna: punha de lado a abstracção e os seus olhos cintilavam com mais fogo que os do gato enquanto se entretém com o rato moribundo. Em todas as cidades, deixava o antes opulento jovem, arrancado do círculo que adornara, amaldiçoando na solidão de um cárcere o

destino que o colocara ao alcance daquele demónio; ao mesmo tempo, quantos pais assistiam, desvairados, aos olhares eloquentes de crianças famintas e silenciosas, sem terem já uma ínfima moeda da sua imensa fortuna anterior com que comprar sequer o suficiente para lhes saciar a fome presente. No entanto, não retirava dinheiro algum da mesa de jogo, mas imediatamente perdia, para ruína de muitos, o último florim acabado de arrancar das mãos convulsas dos inocentes: seria talvez o resultado de um certo grau de perícia, considerável já, mas incapaz ainda de combater a astúcia dos mais experientes. Aubrey desejava muitas vezes expor isso ao seu amigo, e rogar-lhe que renunciasse àquela caridade e àquele prazer que acabavam por se transformar na ruína de todos, e também não revertiam em seu próprio benefício; mas ia adiando, pois a cada dia esperava que o seu amigo lhe desse uma oportunidade para lhe falar franca e abertamente — o que, porém, nunca aconteceu. Lord Ruthven, na sua carruagem ou no meio dos diversos cenários selvagens e acolhedores da natureza, era sempre o mesmo: os seus olhos falavam menos do que os seus lábios; e embora Aubrey estivesse perto do objecto da sua curiosidade, não obtinha dele maior recompensa do que a excitação constante de inutilmente desejar decifrar aquele mistério que, na sua

exaltada imaginação, começava a assumir a aparência de algo sobrenatural.

Em breve chegaram a Roma, e, durante algum tempo, Aubrey perdeu de vista o seu companheiro; deixava-o diariamente na companhia do círculo matinal de uma condessa italiana, enquanto ele ia em busca dos monumentos de mais uma cidade quase deserta. Estava assim ocupado quando chegaram cartas de Inglaterra, que ele abriu com ansiosa impaciência. A primeira era da irmã e só respirava afeição; as outras eram dos seus tutores e encheram-no de espanto. Se antes entrara na sua imaginação que uma força maligna habitava no seu companheiro de viagem, estas cartas pareciam agora dar-lhe motivo quase suficiente para aceitar essa convicção. Os seus tutores insistiam para que deixasse imediatamente o amigo, cujo carácter, afirmavam, era terrivelmente perverso, pois a posse de irresistíveis poderes de sedução tornava os seus hábitos licenciosos ainda mais arriscados para a sociedade. Fora descoberto que o seu desprezo pela adúltera não tivera origem na aversão pelo carácter dela, mas que ele exigira, para intensificar o seu prazer, que a sua vítima, a sócia da sua culpa, fosse lançada do cume da virtude impoluta para o mais fundo abismo da infâmia e da degradação: em suma, que todas aquelas mulheres que

procurara, aparentemente por causa da sua virtude, haviam, desde a sua partida, deposto a máscara, e não tinham tido escrúpulos de expor aos olhares públicos toda a deformidade dos seus vícios.

Aubrey resolveu deixar aquele homem cujo carácter não mostrara ainda um único ponto favorável em que pudesse repousar os olhos. Decidiu inventar um pretexto plausível qualquer para o abandonar de vez, propondo-se, entretanto, observá-lo com mais atenção e não deixar escapar o mínimo pormenor. Entrou no mesmo círculo e não tardou a perceber que Sua Senhoria arquitectava aproveitar-se da inexperiência da filha da condessa cuja casa frequentava com grande assiduidade. Em Itália, são raras as possibilidades de encontro em sociedade com uma mulher solteira, o que o obrigava a prosseguir os seus intentos em segredo; mas os olhos de Aubrey seguiam todos os seus tortuosos passos e depressa descobriram que fora marcado um encontro que muito provavelmente culminaria na perdição de uma rapariga inocente, ainda que inconsciente. Sem perda de tempo, entrou nos aposentos de Lord Ruthven e perguntou-lhe abruptamente quais eram as suas intenções a respeito da referida senhora, informando-o, de caminho, estar ao corrente de que ia encontrar-se com ela naquela mesma

noite. Respondeu-lhe Lord Ruthven serem as suas intenções as que, supunha, todos teriam em semelhante ocasião, e ao ser pressionado sobre se tencionava casar com ela, limitou-se a rir. Aubrey retirou-se e, escrevendo de imediato um bilhete em que comunicava que, a partir daquele momento, era forçado a deixar de acompanhar Sua Senhoria no resto da viagem combinada, ordenou ao seu criado que procurasse outro alojamento. Em seguida visitou a mãe da senhora em questão e contou-lhe tudo quanto sabia, não apenas a respeito da sua filha, mas também do carácter de Sua Senhoria. O encontro foi evitado. No dia seguinte, Lord Ruthven mandou simplesmente o criado comunicar a sua completa concordância com uma separação, mas sem deixar transparecer qualquer suspeita de que os seus planos tinham sido frustrados por interferência de Aubrey.

Depois de deixar Roma, Aubrey dirigiu-se para a Grécia e, atravessando a península, em breve chegou a Atenas. Fixou então residência em casa de um grego e não tardou a ocupar-se na procura dos desvanecidos registos de antiga glória em monumentos que, aparentemente envergonhados por narrarem os feitos de homens livres somente perante escravos, se tinham escondido debaixo do solo protector ou de líquenes

policromos. Sob o mesmo telhado que o albergava existia um ser tão belo e delicado que poderia ter servido de modelo a um pintor desejoso de retratar na tela a esperança prometida aos fiéis no paraíso de Maomé, não fora denunciarem os seus olhos um espírito demasiado intenso para permitir a alguém pensar que pudesse pertencer aos que não tinham alma. Enquanto dançava na planície ou caminhava pela encosta da montanha, julgar-se-ia a gazela símbolo medíocre das suas formosuras: pois quem trocaria os seus olhos, que eram os da natureza animada, pelo olhar sonolento e voluptuoso do animal, apropriado apenas para o gosto do epicurista? Os passos leves de Ianthe acompanhavam com frequência Aubrey na procura de antiguidades, e não era raro a inconsciente rapariga, empenhada a perseguir uma borboleta-de--caxemira, revelar toda a beleza das suas formas, como se flutuasse no vento, ao ávido olhar dele, que esquecia então as letras acabadas de decifrar numa placa quase apagada, perdido na contemplação da sua figura de sílfide. Era também frequente as suas tranças caírem, enquanto ela se movia, lesta, mostrando à luz de um raio de sol tonalidades tão delicadamente luminosas e cambiantes tão fugazes que bem poderiam justificar o alheamento do arqueólogo, que deixava escapar do

pensamento o mesmo objecto que antes considerara de importância vital para a interpretação correcta de um trecho de Pausânias. Mas para quê tentar descrever encantos que todos sentem, mas ninguém pode avaliar? Era inocência, juventude e beleza, sem a mácula dos salões repletos e dos bailes asfixiantes. Enquanto ele desenhava aqueles despojos dos quais gostava de se lembrar nas suas horas futuras, ela parava a observar os efeitos mágicos do seu lápis a traçar as paisagens da sua terra natal; descrevia-lhe depois a dança de roda na planície aberta, pintava para ele, com todas as fulgentes cores da memória juvenil, a pompa nupcial que se lembrava de ter visto na infância, e depois, mudando para assuntos que tinham claramente deixado uma marca mais funda no seu espírito, contava-lhe todas as histórias sobrenaturais que ouvira da sua ama. A sua seriedade e a aparente crença no que narrava despertavam o interesse de Aubrey, e muitas vezes, enquanto ela lhe contava a história do vampiro vivo, que passara anos entre os seus amigos e familiares mais queridos, a cada ano, obrigado a alimentar-se da vida de uma mulher encantadora para prolongar a sua existência nos meses seguintes, o sangue de Aubrey gelava enquanto tentava, rindo, desviar-lhe o pensamento de tão ociosas e horríveis fantasias. Mas Ianthe

citou-lhe os nomes de anciãos que tinham acabado por descobrir um a viver entre eles, depois de vários parentes chegados e filhos seus terem sido encontrados com a marca do apetite do demónio, e achando-o tão incrédulo rogou-lhe que acreditasse nela, pois, segundo ouvira dizer, quantos ousavam duvidar da sua existência recebiam sempre alguma prova que os obrigava, com mágoa e dor profunda, a confessar que era verdade. Relatou-lhe em pormenor o aspecto tradicional de tais monstros, e o horror dele aumentou ao ouvir uma descrição muito exacta de Lord Ruthven; persistiu contudo em persuadi-la de que não existia verdade alguma nos seus temores, embora ao mesmo tempo se questionasse sobre as muitas coincidências, todas elas tendentes a despertar uma crença no poder sobrenatural de Lord Ruthven.

Aubrey começou a afeiçoar-se cada vez mais a Ianthe. A sua inocência, tão contrastante com todas as falsas virtudes das mulheres entre as quais procurara o seu ideal de romance, conquistou-lhe o coração, e embora escarnecesse da ideia de um jovem de hábitos ingleses casar com uma rapariga grega sem instrução, mesmo assim dava consigo cada vez mais preso àquela forma de quase fada que tinha diante de si. Às vezes forçava-se a estar longe dela e, arquitectando um

plano para alguma investigação arqueológica, partia decidido a não regressar enquanto não alcançasse o seu objectivo; mas achava sempre impossível concentrar a atenção nas ruínas que o cercavam, enquanto na sua mente guardava uma imagem que parecia ser a única e legítima dona dos seus pensamentos. Ianthe não tinha consciência do seu amor e nunca deixava de ser a mesma criatura franca e infantil que ele conhecera da primeira vez. Parecia sempre separar-se dele com relutância, mas isso era porque deixava de ter com quem pudesse visitar os seus lugares preferidos, enquanto o seu protector se ocupava a desenhar ou pôr a descoberto algum fragmento que, por enquanto, escapara à mão destruidora do tempo. Consultou os pais dela sobre o assunto dos Vampiros, e ambos, na presença de várias pessoas, afirmaram a sua existência, pálidos de horror só de ouvirem esse nome. Pouco depois, Aubrey resolveu fazer uma das suas excursões, que o ocuparia durante algumas horas. Quando ouviram o nome do lugar, todos logo lhe suplicaram que não regressasse à noite, pois teria de atravessar uma floresta onde nenhum grego jamais iria, depois de findo o dia, fossem quais fossem as circunstâncias. Descreveram-lha como o covil dos vampiros nas suas orgias nocturnas, e enumeraram os mais terríveis males que recaíam

sobre quem ousasse atravessar o seu caminho. Aubrey fez pouco caso desses avisos e tentou afastá-los do pensamento e rir. Mas quando os viu estremecer da sua ousadia ao troçar assim de uma força infernal superior, cujo simples nome bastava aparentemente para lhes gelar o sangue, ficou silencioso.

Na manhã seguinte, partiu sozinho para a sua excursão. Ficou surpreendido com o semblante melancólico do seu anfitrião, e pesaroso por verificar que as suas palavras, zombando da crença naqueles horríveis demónios, lhes tinham inspirado tamanho terror. Quando estava prestes a afastar-se, Ianthe veio ao lado do seu cavalo e rogou-lhe ansiosamente que regressasse antes que a noite permitisse que o poder daqueles seres actuasse. Ele prometeu. De tal modo se embrenhou, no entanto, na sua investigação, que não se deu conta de que a luz do sol findaria em breve, nem de que no horizonte havia uma daquelas manchas que, nos climas mais quentes, num instante se transformam numa massa tremenda e descarregam toda a sua fúria na sequiosa região. Acabou, finalmente, por montar a cavalo, decidido a compensar o atraso com a velocidade: mas era tarde demais. O crepúsculo, nestes climas meridionais, quase não existe, e mal o Sol se põe, a noite começa. Antes que Aubrey

tivesse podido avançar muito, a força da tempestade estava já sobre ele — os seus ribombantes trovões sucediam-se quase sem uma pausa e a chuva grossa e densa abrira caminho, à força, pela folhagem das copas das árvores, enquanto os relâmpagos azuis em forquilha pareciam cair e silvar aos seus próprios pés. De súbito, o seu cavalo assustou-se e disparou com incrível rapidez pelo meio da emaranhada floresta. Por fim, vencido pela fadiga, o animal parou e ele descobriu, graças aos clarões dos relâmpagos, que se encontrava nas imediações de uma choupana que mal sobressaía dos montes de folhas mortas e do matagal que a cercavam. Desmontou e aproximou-se, na esperança de encontrar alguém que o guiasse até à cidade ou de, pelo menos, obter abrigo da fúria da tempestade. Os trovões momentaneamente silenciosos permitiram-lhe ouvir, ao acercar-se, os aflitivos gritos agudos de uma mulher, misturados com a zombaria abafada e exultante de uma gargalhada, que se prolongava num som quase ininterrupto. Ficou assustado. Mas, impelido pelo trovão que de novo ribombava sobre a sua cabeça, abriu, com um esforço repentino, a porta da cabana. Encontrou-se numa escuridão absoluta; o som, porém, guiou-o. A sua chegada passou aparentemente despercebida, pois, apesar dos seus chamamentos, os ruídos continuaram

sem que lhe respondessem. Tocou em alguém, a quem imediatamente se segurou. “Enganado de novo!”, gritou uma voz, à qual se seguiu uma gargalhada alta, e ele sentiu-se agarrado por um ser cuja força lhe pareceu sobre-humana. Determinado a vender a vida tão cara quanto pudesse, lutou; mas em vão: foi levantado em peso e arremessado ao chão com toda a força. O inimigo atirou-se para cima dele e, ajoelhando sobre o seu peito, colocara as mãos à roda do seu pescoço quando o clarão de muitos archotes, penetrando pelo buraco que de dia deixava entrar a luz, o interrompeu. Levantou-se de imediato e, abandonando a presa, irrompeu porta fora. Um instante depois, o estalar dos ramos, que ele provocara ao abrir caminho pela floresta, deixou de se ouvir. A tempestade acalmara e Aubrey, incapaz de se mexer, não tardou a ser ouvido pelos que se encontravam no exterior. Entraram. A luz dos archotes alastrou pelas paredes de barro e pelo telhado de colmo completamente coberto de flocos de fuligem. Por vontade de Aubrey, procuraram aquela cujos gritos o tinham atraído, e ele achou-se novamente nas trevas. Mas qual não foi o seu horror quando a luz dos archotes voltou e viu a forma etérea da sua bela guia ser trazida, agora como um cadáver inerte. Cerrou os olhos, na esperança de se tratar apenas de

uma visão nascida da sua transtornada imaginação; mas de novo viu a mesma forma, estendida a seu lado, quando os descerrou. Não havia cor nas suas faces, nem sequer nos seus lábios; havia contudo, no seu rosto, uma quietude que parecia quase tão cativante como a vida que outrora lá habitara: tinha sangue no pescoço e no colo, e na sua garganta as marcas dos dentes que tinham aberto a veia — foi para isso que os homens apontaram, gritando, tomados todos eles de horror: "Um Vampiro! Um Vampiro!" Construíram rapidamente uma padiola, na qual Aubrey foi estendido ao lado daquela que, nos últimos tempos, fora para ele o objecto de tantas e tão radiosas e místicas visões, caída agora com a flor da vida que morrera dentro dela. Não sabia no que pensava: a sua mente estava entorpecida e evitava a reflexão, preferindo refugiar-se no vazio; segurava quase inconscientemente um punhal desembainhado de formato invulgar, que fora encontrado na cabana. Reuniram-se-lhes pouco depois vários grupos que se tinham empenhado na procura daquela cuja falta uma mãe sentira. Os seus brados lamentosos, ao aproximarem-se da cidade, foram para os pais dela arautos de uma terrível tragédia. Descrever a sua dor seria impossível; mas quando compreenderam a causa da morte da filha, olharam para Aubrey e apontaram

para o cadáver. Ficaram inconsoláveis; morreram ambos com o coração despedaçado.

Caído à cama, Aubrey foi atacado por uma febre muito violenta e frequentemente delirava. Nesses momentos, chamava por Lord Ruthven e por Ianthe: por qualquer inexplicável associação, parecia suplicar ao seu ex-companheiro que poupasse o ser que amava. Noutras ocasiões, lançava maldições contra ele e amaldiçoava-o como o destruidor dela. Quis o acaso que Lord Ruthven chegasse a Atenas nessa altura e, tomando por qualquer motivo conhecimento do estado de Aubrey, logo se instalou na mesma casa e o velou constantemente. Quando se refez do delírio, Aubrey ficou horrorizado e assustado ao ver aquele cuja imagem associava agora com a de um vampiro; mas Lord Ruthven, com palavras bondosas, quase sugerindo arrependimento pelo erro que causara a sua separação, e mais ainda com as atenções, a preocupação e o cuidado que demonstrava, em breve o reconciliou com a sua presença. Parecia muito mudado, dir-se-ia não ser já aquele ser apático que tanto surpreendera Aubrey; mas à medida que a convalescença deste progredia, o outro regressava pouco a pouco ao mesmo estado de espírito, e Aubrey deixou de encontrar qualquer diferença entre ele e o homem anterior, a não ser

quando, às vezes, surpreendia o seu olhar atentamente fixo nele, com um sorriso de malévola exultação nos lábios: não sabia porquê, mas esse sorriso perseguia-o. Durante a última fase da recuperação do enfermo, Lord Ruthven ocupava-se aparentemente em observar as ondas sem maré provocadas pela brisa refrescante, ou em acompanhar o movimento daqueles círculos que, como o nosso mundo, giravam à volta do estático Sol — na realidade, parecia ser seu desejo evitar os olhos de todos.

O choque deixara a mente de Aubrey muito debilitada, e a flexibilidade de espírito que antes o distinguira dir-se-ia tê-lo abandonado para sempre. Tornara-se agora tão amante da solidão e do silêncio como Lord Ruthven, mas por muito que desejasse a primeira, o seu espírito não conseguia encontrá-la nas imediações de Atenas: se a procurava entre as ruínas que anteriormente frequentara, a forma de Ianthe erguia-se a seu lado; se a procurava nas florestas, os seus passos leves pareciam vaguear no meio da vegetação, procurando uma simples violeta, e se acaso se virava de repente, apresentavam-se à sua desvairada imaginação o rosto pálido e a garganta ferida da jovem, com um doce sorriso nos lábios. Resolveu deixar esses lugares onde tudo despertava na sua mente tão amargas associações.

Propôs a Lord Ruthven, ao qual se sentia ligado pelos solícitos cuidados que lhe dispensara durante a sua doença, que visitassem as regiões da Grécia que nenhum deles ainda vira. Viajaram em todas as direcções e procuraram todos os pontos a que podia estar ligada alguma recordação: mas embora se apressassem assim de lugar para lugar, pareciam não prestar atenção ao que viam. Ouviam falar muito de ladrões, mas com o tempo começaram a dar pouca importância a esses relatos, que imaginavam tratar-se apenas de invenção de indivíduos interessados em estimular a generosidade daqueles que defendiam de pretensos perigos. Em consequência de assim desprezarem os conselhos dos habitantes, em certa ocasião viajaram apenas com alguns guardas, mais para lhes servirem de guias do que como defesa. Ao entrarem, contudo, num estreito desfiladeiro, em cujo fundo se rasgava o leito de uma torrente e havia grandes massas de rochas caídas dos precipícios vizinhos, tiveram motivos para se arrepender da sua negligência; pois mal todos os membros do grupo se encontraram na estreita passagem, foram surpreendidos pelo silvar de balas rente às suas cabeças, e pelos ecos da detonação de várias armas de fogo. Num instante, os guardas desapareceram e, escondendo-se atrás de rochas, começaram a disparar na direcção dos

tiros. Seguindo o seu exemplo, Lord Ruthven e Aubrey abrigaram-se por instantes atrás da curva protectora do desfiladeiro. Mas, envergonhados por serem assim detidos por um inimigo que, com gritos insultuosos, os desafiava a avançar, e achando-se expostos a uma morte sem resistência se algum dos assaltantes subisse acima deles e os apanhasse pela retaguarda, logo decidiram lançar-se para a frente ao encontro do adversário. Mal deixaram, contudo, o abrigo da rocha, Lord Ruthven foi atingido por um tiro num ombro que o atirou por terra. Aubrey correu em seu socorro e, deixando de pensar na luta e no seu próprio perigo, em breve se viu cercado por todos os lados pelos rostos dos ladrões. Os seus guardas, vendo Lord Ruthven ser atingido, tinham de imediato levantado os braços, em rendição.

Mediante promessas de grande recompensa, Aubrey não teve dificuldade em convencê-los a transportar o seu amigo ferido para uma choupana próxima, e, depois de concordar com o pagamento de um resgate, não voltou a ser incomodado pela sua presença: os ladrões contentaram-se em guardar a entrada, até um deles voltar com a soma prometida, para a qual lhe fora dada uma ordem de pagamento. As forças de Lord Ruthven esvaíram-se rapidamente; em dois dias sobreveio a gangrena e a morte parecia avançar a passos largos.

A sua conduta e o seu aspecto não tinham mudado, parecia tão inconsciente da dor como dos objectos que o cercavam; mas perto do fim da última noite o seu pensamento tornou-se aparentemente irrequieto e os seus olhos fixavam-se com frequência em Aubrey, que se sentiu levado a oferecer a sua ajuda com uma sinceridade maior do que a habitual. "Ajude-me! Pode salvar-me… pode fazer mais do que isso… não me refiro a salvar-me a vida, importa-me tão pouco a morte da minha existência como a do dia que passa; mas pode salvar a minha honra, a honra do seu amigo." "Como? Diga-me como! Eu farei seja o que for", respondeu Aubrey. "Preciso de pouco… a minha vida esvai-se rapidamente… não posso explicar todas as coisas… mas se ocultar tudo o que sabe de mim, a minha honra ficará limpa de mácula na boca do mundo… e se a minha morte for ignorada durante algum tempo em Inglaterra, eu… eu…" "Não será conhecida." "Jure!", gritou o moribundo, erguendo-se com exultante violência. "Jure por tudo quanto a sua alma venera, por tudo quanto a sua natureza teme, jure que durante um ano e um dia não partilhará o seu conhecimento dos meus crimes nem da minha morte com nenhum ser vivo, seja de que modo for, aconteça o que acontecer, ou veja o que vir." Os seus olhos pareciam querer saltar das órbitas. "Juro!",

respondeu Aubrey, e ele começou a rir, deixou-se cair na almofada e não respirou mais.

Aubrey retirou-se para descansar, mas não conseguia dormir. As muitas circunstâncias relacionadas com o seu conhecimento daquele homem vinham-lhe ao pensamento, sem saber porquê, e quando recordava o que jurara apoderava-se dele um calafrio gelado, como o pressentimento de que o esperava alguma coisa horrível. Quando se levantou, de manhã cedo, e se preparava para entrar na choupana onde deixara o cadáver, um dos ladrões veio ao seu encontro e informou-o de que ele já ali não estava, pois fora levado por ele próprio e pelos camaradas, quando Aubrey se retirara, para o cume de um monte vizinho, no cumprimento da promessa que tinham feito a Sua Senhoria de que o corpo seria exposto ao primeiro raio de luar que brilhasse depois da sua morte. Aubrey ficou estupefacto e, levando consigo alguns dos homens, resolveu ir sepultá-lo no lugar onde se encontrava. Mas, chegado ao cume do monte, não viu quaisquer vestígios nem do cadáver nem das roupas, embora os ladrões jurassem indicar a rocha onde tinham deixado o corpo. Durante algum tempo o seu pensamento perdeu-se em conjecturas, mas por fim regressou, convencido de que

eles tinham enterrado o corpo para ficarem com as roupas.

Cansado de um país onde conhecera infortúnios tão terríveis, e onde, aparentemente, tudo conspirava para agravar a supersticiosa melancolia que se apoderara da sua mente, resolveu deixá-lo, e em breve chegou a Esmirna. Enquanto esperava por um navio que o transportasse para Otranto ou Nápoles, ocupou-se a arrumar os objectos pertencentes a Lord Ruthven que tinha consigo. Entre outras coisas, havia um estojo contendo diversas armas ofensivas mais ou menos adaptadas para assegurar a morte da vítima. Havia vários punhais e iatagãs. Enquanto os rodava, examinando as suas formas curiosas, qual não foi a sua surpresa ao encontrar uma bainha aparentemente ornamentada no mesmo estilo do punhal descoberto na fatal cabana. Estremeceu. Apressando-se a procurar confirmação, foi buscar a arma, e pode imaginar-se o seu horror ao descobrir que correspondia, apesar da sua forma peculiar, à bainha que tinha na mão. Os seus olhos não pareciam precisar de mais nenhuma certeza — era como se estivessem presos ao punhal —, mas mesmo assim desejava não acreditar. Contudo, a forma especial, as mesmas tonalidades diversas no punho e na bainha, o igual esplendor de um e da outra, não deixavam espaço

para qualquer dúvida. Havia também pingos de sangue em ambas as coisas.

Partiu de Esmirna e, no regresso a casa, quando passou por Roma, as suas primeiras indagações foram acerca da senhora que tentara arrebatar às artes de sedução de Lord Ruthven. Encontrou os seus pais angustiados, perdida a fortuna e sem terem notícias da filha desde a partida de Sua Senhoria. A sanidade mental de Aubrey quase cedeu sob o peso de tantos horrores repetidos; receou que a senhora em questão tivesse sido vítima do destruidor de Ianthe. Tornou-se taciturno e silencioso, e a sua única ocupação consistiu em ordenar velocidade aos postilhões, como se fosse salvar a vida de alguém que lhe era querido. Chegado a Calais, uma brisa que parecia obedecer à sua vontade depressa o transportou para as costas inglesas. Dirigiu-se rapidamente para a mansão dos seus antepassados onde, por momentos, pareceu perder, entre os abraços e as carícias da irmã, toda a memória do passado. Se, antes, com as suas carícias infantis, ela conquistara o seu afecto, agora que a mulher despontava tornou-se ainda mais cativante como companheira.

Miss Aubrey não possuía aquela sedutora graça que conquista o olhar e o aplauso dos frequentadores de

recepções formais. Não tinha nenhum daquele esplendor superficial que só existe na atmosfera acalorada de uma casa cheia de gente. Os seus olhos azuis nunca se iluminavam por uma frivolidade do espírito que existia atrás deles. Havia neles um encanto melancólico que não parecia emanar do infortúnio, mas sim de algum sentimento íntimo, que dir-se-ia denunciar uma alma consciente da existência de um reino mais luminoso. O seu andar não era aquele passo leve que se desvia onde uma borboleta ou uma cor o atraem: era sereno e pensativo. Quando estava só, o seu rosto nunca se iluminava pelo sorriso da alegria; mas quando o irmão lhe murmurava o seu afecto e, na sua presença, esquecia aquelas mágoas que ela sabia destruírem o seu repouso, quem trocaria o seu sorriso pelo de uma mulher voluptuosa? Dir-se-ia que aqueles olhos, aquele rosto, se recreavam em tais momentos à luz do seu próprio sol nativo. Tinha apenas dezoito anos e ainda não fora apresentada à sociedade, por terem os seus tutores considerado mais apropriado adiar essa apresentação até ao regresso do irmão do continente, já que ele poderia então ser o seu protector. Foi, pois, decidido que a recepção seguinte, que se aproximava rapidamente, seria a ocasião escolhida para a sua entrada na "cena activa". Aubrey teria preferido ficar

na mansão dos seus antepassados, alimentando-se da melancolia que o acabrunhava. Não conseguia sentir nenhum interesse pelas frivolidades de desconhecidos em voga, quando o seu espírito tinha sido tão dilacerado pelos acontecimentos que presenciara; mas resolveu sacrificar o seu próprio bem-estar à protecção da irmã. Não tardaram a chegar à cidade e a preparar-se para o dia seguinte, para o qual fora anunciada uma recepção.

A quantidade de gente era excessiva — não havia uma recepção há muito tempo, e todos quantos estavam ansiosos por se aquecer ao sol do sorriso da realeza para lá se dirigiram. Aubrey compareceu com a irmã. Encontrava-se parado sozinho, a um canto, alheio a tudo quanto o rodeava e entregue à recordação de que fora naquele mesmo lugar que tinha visto pela primeira vez Lord Ruthven, quando se sentiu subitamente agarrado por um braço e uma voz, que para seu tormento reconheceu demasiado bem, soou ao seu ouvido: "Lembre-se do seu juramento." Mal teve coragem para se virar, receoso de ver um espectro que o fulminaria, quando descobriu a pouca distância a mesma figura que atraíra a sua atenção na primeira vez que frequentara a sociedade. Continuou a olhar até que, negando-se quase as pernas a suportar-lhe o peso, foi obrigado a tomar o braço de um amigo e, forçando

uma passagem por entre a multidão, se lançou para dentro da sua carruagem e foi transportado para casa. Andou de um lado para o outro, com passos apressados, e apertou a cabeça com as mãos, como se receasse que os pensamentos lhe estivessem a saltar do cérebro. Lord Ruthven de novo diante dele… o desenrolar das circunstâncias numa sequência assustadora… o punhal… o seu juramento. Levantou-se, não podia acreditar que fosse possível — o ressuscitar dos mortos! Pensou que tinha sido a sua imaginação que evocara a imagem em que a sua mente se demorava. Era impossível que tivesse sido real. Resolveu, portanto, frequentar de novo a sociedade; pois embora tentasse indagar a respeito de Lord Ruthven, o nome ficava suspenso dos seus lábios, e não conseguia pronunciá-lo e obter informações. Foi algumas noites depois, com a irmã, a um baile de um amigo próximo. Deixando-a sob a protecção de uma mãe de família, retirou-se para um recanto, onde se abandonou aos seus vorazes pensamentos. Dando-se conta, finalmente, de que muitos estavam a partir, fez um esforço e, entrando noutra sala, encontrou a irmã rodeada por diversos homens, aparentemente em animada conversa. Tentava passar e aproximar-se dela quando um deles, a quem pedira que se afastasse, se virou e lhe mostrou as feições que mais detestava.

Saltou para a frente, agarrou o braço da irmã e, com passos apressados, conduziu-a na direcção da rua. Chegado à porta, viu a passagem obstruída pela turba de criados que esperavam os seus amos, e enquanto se ocupava a abrir caminho pelo meio deles, ouviu de novo aquela voz murmurar perto de si: "Lembre-se do seu juramento!" Não ousou voltar-se; apressou a irmã e pouco depois chegaram a casa.

Aubrey quase enlouqueceu. Se, antes, a sua mente estivera absorta num assunto, ainda mais o estava agora que a certeza de que o monstro vivia de novo oprimia os seus pensamentos! As atenções da irmã passavam-lhe despercebidas, e em vão ela lhe suplicou que lhe explicasse o que causara o seu tão abrupto comportamento. Limitou-se a proferir algumas palavras que a aterrorizaram. Quanto mais pensava, mais confuso se sentia. O seu juramento assustava-o: teria de permitir que aquele monstro vagueasse, exalando destruição, entre todos aqueles que lhe eram queridos, sem fazer nada para impedir o seu avanço? A sua própria irmã podia ter sido tocada por ele. Mas mesmo que quebrasse o juramento e revelasse as suas suspeitas, quem acreditaria nele? Pensou usar as suas próprias mãos para livrar o mundo de tal miserável; mas lembrou-se de que a morte já fora escarnecida. Permaneceu dias nesta

disposição. Fechado no seu quarto, não via ninguém e comia apenas quando a irmã, lavada em lágrimas, lhe suplicava que, por amor dela, se alimentasse. Por fim, incapaz de suportar a inércia e a solidão, saiu de sua casa e vagueou de rua em rua, ansioso por fugir daquela imagem que o atormentava. O seu vestuário tornou-se descuidado, e vagueava, exposto com igual frequência tanto ao sol do meio-dia como à humidade da meia-noite. Estava irreconhecível; ao princípio regressava a casa com o anoitecer, mas por fim deitava-se para descansar onde quer que a fadiga lho ditasse. A irmã, preocupada com a sua segurança, contratou pessoas para o seguirem, mas elas eram rapidamente deixadas para trás por aquele que fugia de um perseguidor mais veloz do que qualquer outro: o pensamento. No entanto, a sua conduta mudou, de repente. Defrontado com a ideia repentina de que, com a sua ausência, deixava todos os seus amigos com um demónio no seu seio, sem terem conhecimento da sua presença, decidiu regressar à vida social e observá-lo de perto, inquieto por avisar, não obstante o seu juramento, todos aqueles de quem Lord Ruthven se aproximasse intimamente. Mas quando entrava numa sala, o seu aspecto abatido e desconfiado era tão impressionante, as suas tremuras interiores tão visíveis, que a irmã acabou por se sentir

obrigada a rogar-lhe que se abstivesse de procurar, por ela, aquela companhia que o afectava tão fortemente. Quando, todavia, os conselhos se mostraram inúteis, os tutores acharam apropriado intervir e, temendo que a sua mente estivesse a ficar alienada, consideraram ser mais do que tempo de reatar o encargo que lhes fora antes imposto pelos pais de Aubrey.

Desejosos de lhe poupar os agravos e sofrimentos com que se deparara diariamente nas suas vagueações, e de impedir que expusesse aos olhares públicos os sinais daquilo que consideravam ser loucura, contrataram um médico para residir em sua casa e cuidar dele constantemente. Aubrey mal parecia dar-se conta disso, a tal ponto a sua mente estava imersa num só assunto. A sua incoerência acabou por adquirir tais dimensões que foi confinado ao seu quarto. Aí permanecia dias e dias, incapaz de se levantar. Emagrecera muito, os seus olhos tinham adquirido um brilho vítreo, e o único sinal de afecto e memória que lhe restava mostrava-se apenas com a entrada da irmã: então estremecia, por vezes, e, agarrando-lhe as mãos com olhares que a afligiam profundamente, recomendava-lhe que não lhe tocasse. "Oh, não lhe toques, se tens algum amor por mim, não te aproximes dele!" Quando, porém, ela perguntava a quem se referia, a sua única resposta era: "É verdade,

é verdade!", e de novo mergulhava num estado a que nem ela conseguia arrancá-lo. Isto durou muitos meses. Pouco a pouco, no entanto, com o correr do ano, as suas incoerências tornaram-se menos frequentes e a sua mente expulsou uma parte da melancolia, ao mesmo tempo que os seus tutores o surpreendiam, várias vezes ao dia, contando pelos dedos determinado número e depois sorrindo.

O prazo quase terminara quando, no último dia do ano, um dos seus tutores entrou no quarto e começou a falar com o médico da funesta circunstância que era encontrar-se Aubrey em tão triste situação, atendendo a que a sua irmã casaria no dia seguinte. A atenção de Aubrey ficou imediatamente alerta, e ele perguntou, ansioso, com quem. Satisfeitos com essa demonstração de regresso do intelecto, do qual haviam receado que ele tivesse sido privado, mencionaram o nome do Conde de Marsden. Pensando que se tratava de um jovem conde que conhecera em sociedade, Aubrey pareceu satisfeito, e surpreendeu-os ainda mais ao exprimir a sua intenção de estar presente nos esponsais e o seu desejo de ver a irmã. Não lhe responderam, mas decorridos poucos minutos a irmã estava com ele. Pareceu de novo sensível à influência do seu encantador sorriso, pois apertou-a ao peito e beijou-lhe a face molhada de

lágrimas, provocadas pelo pensamento de que o irmão estava novamente vivo para as emoções do afecto. Ele começou a falar com todo o seu entusiasmo antigo, e a felicitá-la por ir casar com uma pessoa tão distinta em condição social e educação. Nisto, porém, viu um medalhão no peito dela, e qual não foi o seu espanto quando, abrindo-o, deparou com o rosto do monstro que há tanto tempo influenciava a sua vida. Agarrou o retrato num acesso de raiva, atirou-o ao chão e pisou-o. Perguntando-lhe ela porque destruíra assim o retrato do seu futuro marido, pareceu não a compreender. Depois, apertando-lhe as mãos e olhando-a com uma expressão desvairada, pediu-lhe que jurasse que jamais casaria com aquele monstro, pois ele… Mas não conseguiu adiantar mais nada, foi como se aquela voz lhe ordenasse de novo que se lembrasse do seu juramento. Voltou-se de súbito, pensando que Lord Ruthven estava perto dele, mas não viu ninguém. Entretanto, os tutores e o médico, que tinham ouvido tudo e pensavam que se tratava apenas do regresso da sua doença, entraram e obrigaram-no a largar Miss Aubrey, a quem disseram que o deixasse. Ele ajoelhou-se diante deles, implorou, rogou-lhes que adiassem apenas um dia. Eles, atribuindo as suas palavras à loucura que imaginavam

ter-se apoderado da sua mente, trataram de apaziguá-lo e retiraram-se.

Lord Ruthven fora lá a casa na manhã seguinte à recepção e não tinha sido recebido, tal como acontecera com todas as outras pessoas. Quando ouviu dizer que Aubrey não estava de boa saúde, compreendeu logo ser ele a causa disso; mas, ao saber que o julgavam demente, quase não conseguiu ocultar a sua exultação e o seu prazer daqueles de quem obtivera essa informação. Dirigiu-se sem demora a casa do seu antigo companheiro e, mercê de presença constante e de fingimento de grande afecto pelo irmão e interesse pela sua sorte, conquistou gradualmente a atenção de Miss Aubrey. Quem podia resistir a seu poder? A sua língua tinha perigos e trabalhos para contar — sabia falar de si próprio como de um indivíduo sem simpatia por qualquer ser desta terra sobrepovoada, a não ser por aquela a quem se dirigia, e dizer como, desde que a conhecera, a sua existência começara a parecer-lhe digna de ser vivida, quanto mais não fosse para que pudesse escutar o suave som da sua voz: em suma, soube usar tão bem a arte da serpente — ou então era essa a vontade do destino —, que conquistou a sua afeição. E tendo-lhe cabido, finalmente, o título do ramo mais antigo da família, obteve uma importante

embaixada, o que serviu de pretexto para apressar o casamento (apesar do estado de insanidade mental do irmão dela), que se realizaria exactamente na véspera da sua partida para o continente.

Quando o médico e os tutores o deixaram, Aubrey tentou subornar os criados, mas em vão. Pediu caneta e papel, que lhe foram dados, e escreveu uma carta à irmã, implorando-lhe que, se dava valor à sua própria felicidade, à sua própria honra e à daqueles que se encontravam já na sepultura, mas que outrora a tinham apertado nos braços como a sua esperança e a esperança da sua casa, adiasse, nem que fosse por algumas horas, apenas, aquele casamento sobre o qual profetizava as mais negras maldições. Os criados prometeram que entregariam a carta, mas deram-na ao médico, o qual achou preferível não afligir mais o espírito de Miss Aubrey com o que considerava serem os delírios de um louco. A noite passou sem repouso para os atarefados moradores da casa, enquanto Aubrey ouvia, com um horror mais fácil de imaginar do que de descrever, os sons dos diligentes preparativos. Chegada a manhã, o barulho das carruagens deixou-o quase desvairado. Por fim, a curiosidade dos criados sobrepôs-se à vigilância e foram-se escapando a pouco e pouco, deixando-o ao cuidado de uma velha atarantada.

Ele aproveitou a oportunidade e, com um salto, saiu do quarto, chegando num instante ao aposento onde estavam todos reunidos. Lord Ruthven foi o primeiro a vê-lo: aproximou-se de imediato e, pegando-lhe à força num braço, levou-o à pressa para fora da sala, mudo de raiva. Na escada, segredou-lhe ao ouvido: "Lembre-se do seu juramento e saiba que, se não for minha noiva hoje, a sua irmã está desonrada. As mulheres são fracas!" Dizendo isto, empurrou-o para os que tinham o encargo de cuidar dele, os quais, alertados pela velha, tinham vindo à sua procura. Aubrey já não conseguia manter-se de pé: não encontrando escape, a sua fúria rebentara-lhe um vaso sanguíneo, e teve de ser transportado para o leito. Este incidente não foi comunicado à irmã, que não estava presente quando ele entrara, porque o médico receou abalá-la. O casamento foi realizado e a noiva e o noivo deixaram Londres.

A fraqueza de Aubrey aumentou; a efusão de sangue produziu sintomas indicadores de que a morte se aproximava. Desejou que os tutores da irmã fossem chamados, e ao bater da meia-noite relatou serenamente o que o leitor acaba de ler — e logo depois morreu.

Os tutores apressaram-se a ir em socorro de Miss Aubrey, mas quando chegaram era tarde demais. Lord Ruthven desaparecera e a irmã de Aubrey saciara a sede de um VAMPIRO!

Extracto de uma Carta com o Relato da Residência de Lord Byron na Ilha de Mitilene

> "*O mundo estava todo diante dele, para escolher o seu lugar de repouso, e a Providência por guia.*"

Navegando pelo arquipélago grego a bordo de um dos navios de Sua Majestade, no ano de 1812, entrámos no porto de Mitilene, na ilha do mesmo nome. A beleza deste lugar e a certeza de ali se encontrarem sempre gado e legumes levam muitos navios britânicos a visitá-lo — tanto vasos de guerra como mercantes; e, embora fique um tanto fora da rota dos navios que se dirigem a Esmirna, a sua fartura compensa largamente o desvio da viagem. Desembarcámos, como de costume, no fundo da baía, e, enquanto os homens se ocupavam da aguada e o comissário regateava o gado com os naturais, o capelão e eu demos um passeio até à gruta

chamada Escola de Homero e a outros lugares onde já tínhamos estado. No alto do monte Ida (um pequeno outeiro assim chamado) encontrámos e contratámos como guia um jovem grego, que nos contou ter vindo de Quios com um lorde inglês, o qual deixara a ilha na sua falua quatro dias antes da nossa chegada. "Contratou-me como piloto", disse o grego, "e ter-me-ia levado com ele; mas eu não quis deixar Mitilene, onde é provável que me case. Era um homem estranho, mas muito bom. A casa de campo do outro lado da colina, de frente para o rio, pertence-lhe, e deixou-a ao cuidado de um velho: deu por ela seiscentos cequins a Dominick, o negociante de vinhos (cerca de 250 libras em moeda inglesa), e residiu ali uns catorze meses, embora não continuamente, porque navega muitas vezes na sua falua para as diferentes ilhas."

Este relato excitou-nos muito a curiosidade, e não perdemos tempo em dirigir-nos à casa onde o nosso compatriota residira. Fomos amavelmente recebidos por um velho, que nos mostrou a mansão. Constava de quatro divisões no rés-do-chão: um vestíbulo, uma sala de visitas, uma sala de estar e um quarto de dormir, com um amplo gabinete anexo. Estavam todas decoradas com simplicidade: paredes lisas pintadas de verde, mesas de mármore de um lado e do outro, uma grande

murta ao centro e, por baixo dela, uma pequena fonte, que se podia pôr a jorrar por entre os ramos accionando uma mola fixada no flanco de uma pequena Vénus de bronze em posição reclinada; um grande divã ou sofá completava a mobília. No vestíbulo havia meia dúzia de cadeiras inglesas de palhinha e uma estante vazia: não havia espelhos, nem um único quadro. O quarto de dormir tinha apenas um grande colchão estendido no chão, com duas colchas acolchoadas de algodão e uma almofada — a cama comum em toda a Grécia. Na sala de estar reparámos num nicho de mármore, outrora, segundo nos disse o velho, cheio de livros e papéis, que estavam então numa grande arca de marinheiro no gabinete: estava aberta, mas não nos julgámos no direito de lhe examinar o conteúdo. Na prateleira do nicho estavam as obras completas de Voltaire, Shakespeare, Boileau e Rousseau; *As Ruínas dos Impérios*, de Volney; Zimmerman, em língua alemã; o *Messias*, de Klopstock; os romances de Kotzebue; a peça *Os Salteadores*, de Schiller; o *Paraíso Perdido*, de Milton, numa edição italiana impressa em Parma em 1810; vários folhetos da imprensa grega de Constantinopla, muito rasgados, mas nenhum livro inglês de espécie alguma. A maior parte destes livros estava cheia de notas marginais, escritas a lápis, em italiano e em latim. O *Messias* estava

literalmente rabiscado de ponta a ponta e marcado com tiras de papel, nas quais havia também observações.

O velho disse: "O lorde estivera a ler estes livros na noite antes de partir e esqueceu-se de os pôr com os outros; mas", acrescentou, "aqui terão de ficar até ele voltar; porque é tão meticuloso que, se eu mexesse numa só coisa sem ordem dele, andaria uma semana inteira de cara fechada comigo; de resto, é muito bom. Uma vez prestei-lhe um serviço; e fico com o produto desta quinta pelo trabalho de cuidar dela, tirando vinte cequins que pago a um velho arménio que vive numa pequena cabana no bosque e que o lorde trouxe de Adrianópolis; não sei por que razão."

O aspecto exterior da casa era agradável. O pórtico da frente tinha cinquenta passos de comprimento e catorze de largura, e as colunas caneladas de mármore, com plintos negros e cornijas rendilhadas (como é hoje costume na arquitectura grega), eram consideravelmente mais altas do que o telhado. O telhado, cercado por uma leve balaustrada de pedra, estava coberto por um belo tapete turco, sob um toldo de linho forte e grosseiro. A maior parte dos telhados das casas está assim guarnecida, pois é neles que os gregos passam as

noites a fumar, a beber vinhos leves, como o "lachryma christi", a comer fruta e a gozar a brisa da tarde.

À esquerda de quem entrava na casa deslizava um pequeno regato; uvas, laranjas e limas cresciam em cachos nas suas margens, e, à sombra de duas grandes moitas de murta, havia um banco de mármore com espaldar de madeira lavrada, onde, segundo nos disseram, o lorde passava muitas das suas tardes e noites até à meia-noite, a ler, a escrever e a falar sozinho. "Suponho", disse o velho, "que rezava, porque era muito devoto e ia sempre à nossa igreja duas vezes por semana, além dos domingos."

A vista deste banco era aquilo a que se pode chamar "uma vista de pássaro". Uma fila de ricos vinhedos levava o olhar até ao monte Calcla, coberto de oliveiras e murtas em flor, e em cujo cimo um antigo templo grego surgia em majestosa ruína. Um pequeno curso de água, que brotava das ruínas, descia em cascatas interrompidas até se perder nos bosques junto à base do monte. O mar, liso como um espelho, e um horizonte que nem uma só nuvem ensombrava rematavam a vista em frente; e um pouco à esquerda, por uma aberta de altos castanheiros e palmeiras, distinguiam-se nitidamente várias pequenas ilhas que salpicavam a onda

azul-clara com manchas de verde-esmeralda. Raras vezes gozei tanto uma vista como esta; mas as nossas indagações foram infrutíferas quanto ao nome da pessoa que vivera naquela romântica solidão: ninguém lhe sabia o nome senão Dominick, o seu banqueiro, que tinha ido para Cândia. "O arménio", disse o nosso guia, "poderia dizê-lo, mas tenho a certeza de que não o dirá." — "E tu, velho amigo, não o podes dizer?", perguntei eu. — "Se posso", respondeu ele, "não me atrevo." Não tivemos tempo de visitar o arménio, mas, no regresso à cidade, soubemos vários pormenores do lorde solitário. Dotara oito raparigas da última vez que estivera na ilha, e chegara a dançar com elas na festa de casamento. Deu uma vaca a um homem, cavalos a outros, e algodão e seda às raparigas que vivem de tecer esses artigos. Comprou também um barco novo a um pescador que perdera o seu num temporal, e dava muitas vezes Testamentos gregos às crianças pobres. Em suma, pareceu-nos, por tudo o que recolhemos, ter sido uma personagem muito excêntrica e benevolente. Soubemos de uma circunstância que o nosso velho amigo da casa de campo achou por bem não revelar. Tinha ele uma filha belíssima, com quem o lorde era visto muitas vezes a passear à beira-mar, e a quem comprara um piano e ensinara ele próprio a tocá-lo.

Foi com estas informações que partimos da pacífica ilha de Mitilene, com a imaginação toda em tormento, a adivinhar quem poderia ser aquele viandante na Grécia. Que tinha dinheiro era evidente: tinha uma disposição filantrópica e todas aquelas excentricidades que marcam o génio singular. Chegados a Palermo, todas as nossas dúvidas se desfizeram. Encontrando-nos na companhia do Sr. Foster, o arquitecto, discípulo de Wyatt, que andara a viajar pelo Egipto e pela Grécia: "O indivíduo", disse ele, "que tanto vos intriga é Lord Byron; encontrei-o nas minhas viagens na ilha de Ténedos, e visitei-o também em Mitilene." Nunca tínhamos ouvido falar então da fama de Sua Senhoria, pois estávamos havia alguns anos longe de casa; mas, tendo-nos chegado às mãos o *Childe Harold*, reconhecemos o recluso de Calcla em cada página. Lamentámos profundamente não ter sido mais curiosos nas nossas pesquisas na casa de campo, mas consolámo-nos com a ideia de voltar a Mitilene algum dia; para mim, porém, esse dia nunca há-de chegar. Faço esta declaração por julgá-la não de todo desprovida de interesse, e por justiça para com o bom nome de Sua Senhoria, que tem sido grosseiramente caluniado. Tem sido descrito como de índole insensível, avesso a conviver com os seus semelhantes e a contribuir de algum modo para

lhes aliviar as dores ou aumentar os prazeres. O facto é precisamente o inverso, como se pode claramente inferir destas pequenas anedotas. Todos os sentimentos mais finos do coração, tão elegantemente retratados nos poemas de Sua Senhoria, parecem ter assento no seu peito. A ternura, a compaixão e a caridade parecem guiar todas as suas acções; e o facto de procurar o repouso da solidão é mais uma razão para o assinalar como um ser em cujo coração a Religião pôs o seu selo e sobre cuja cabeça a Benevolência lançou o seu manto. Ninguém pode ler os agradáveis "traços" que precedem sem sentir orgulho nele como compatriota. Quanto aos seus amores ou prazeres, não me arrogo o direito de dar opinião. Os boatos devem sempre receber-se com cautela, sobretudo quando visam a integridade moral de um homem; e só quem ousar justificar-se perante aquele tribunal terrível onde todos têm de comparecer pode censurar os erros de um semelhante. O carácter de Lord Byron é digno do seu génio. Fazer o bem em segredo e fugir ao aplauso do mundo é o testemunho mais seguro de um coração virtuoso e de uma consciência que a si mesma se aprova.

———

SOBRE ESTA EDIÇÃO

O Vampiro é um conto de John William Polidori, publicado em Londres em abril de 1819 na revista New Monthly Magazine e, no mesmo ano, em livro com as duas cartas e a Introdução que o acompanham.

A obra está em domínio público: você pode ler, baixar e compartilhar sem pagar e sem se cadastrar.

A tradução de O Vampiro é de Pedro Miguel, que autorizou o seu uso nesta edição.

Os textos que acompanhavam a obra na primeira edição, e que essa tradução não trazia, foram traduzidos para esta edição a partir do original. São as únicas páginas do livro em uma voz diferente da do restante.

Esta edição faz parte do **Projeto Aldus**, com o qual o InfoLivros cria versões digitais verificadas dos grandes clássicos. Livres e gratuitas, para que chegar aos melhores livros já escritos não dependa de onde você nasceu nem de quanto você tem.

Se você quiser saber mais sobre o projeto, contamos tudo aqui: infolivros.org/noticias/projeto-aldus/